

REVISTA

**Cadernos de Educação**

FaE | PPGGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

**Trajетórias de universitários no Recôncavo da Bahia: do acesso à permanência no ensino superior**

Trajectories of university students in the Recôncavo of Bahia: from access to permanence in higher education

*Trayectorias de estudiantes universitarios en el Recôncavo de Bahía: del acceso a la permanencia en la enseñanza superior*

Virgilio Rodrigues dos Santos

Gabriel Ribeiro

Patrícia Petitinga Silva

**RESUMO**

O objetivo deste estudo foi analisar as condições para a permanência discente em cursos de licenciatura, a partir de narrativas de trajetórias acadêmicas de estudantes autodeclarados pretos e pardos, beneficiados com a assistência estudantil. Os relatos das experiências destes estudantes apontam que a assistência estudantil é imprescindível para a permanência material e simbólica no ensino superior. Esse estudo evidencia a necessidade de as políticas afirmativas serem construídas e negociadas, continuamente, com os interessados, para que sejam adaptadas às suas reais demandas.

**Palavras-chave:** assistência ao estudante; formação de professores; trajetória de vida.

**ABSTRACT**

The aim of this study was to analyze the conditions for student permanence in undergraduate courses, based on narratives of the academic trajectories of self-declared black and brown students who benefit from student assistance. The accounts of these students' experiences show that student assistance is essential for their material and symbolic permanence in higher education. This study highlights the need for affirmative policies to be continually constructed and negotiated with those involved, so that they can be adapted to their real demands.

**Keywords:** student assistance; teacher training; life trajectory.

**RESUMEN**

El objetivo de este estudio fue analizar las condiciones de permanencia de estudiantes en las carreras, a partir de los relatos de las trayectorias académicas de estudiantes negros y pardos autodeclarados que se han beneficiado de la ayuda estudiantil. Los relatos de las experiencias de estos estudiantes muestran que la ayuda estudiantil es esencial para su permanencia material y simbólica en la enseñanza superior. Este estudio pone de relieve la necesidad de que las políticas afirmativas se construyan y negocien continuamente con los implicados, de modo que puedan adaptarse a sus demandas reales.

**Palabras clave:** asistencia al estudiante; formación de profesores; trayectoria de vida.

## Introdução

Para jovens negros, provenientes de famílias com vulnerabilidade socioeconômica, oriundos de escolas públicas e moradores de cidades do interior do Nordeste do Brasil, entrar em uma universidade pública federal se configurou, durante parte da história da educação brasileira, como um desafio. Isto porque a inserção precoce no mercado de trabalho, devido à necessidade de ajudar a família, sempre foi um entrave para que muitos estudantes vindos do ensino médio ingressassem em uma graduação.

Se a entrada desses estudantes na universidade representa uma conquista, o pós-ingresso no ensino superior se caracteriza como um novo desafio. Conseguir se sustentar financeiramente no espaço acadêmico é, para a maioria desses estudantes, uma missão quase impossível, visto que suas famílias, muitas vezes, não dispõem de recursos financeiros para contribuir com a sua permanência por muito tempo. Então, a única via é trabalhar e estudar, porém, isso dificulta a possibilidade de viver a universidade por completo (SANTOS, 2009). Tal situação se agrava em cursos com horário integral, com componentes a serem cursados em diferentes turnos, inviabilizando a compatibilização entre trabalho e estudo.

Então, diante dessas circunstâncias, torna-se indispensável a adoção de medidas, por parte das instituições de ensino, que garantam ou aumentem as chances de permanência desses estudantes na universidade para a conclusão da graduação. Mesmo em instituições públicas, onde não há cobrança de mensalidades, o estudante terá despesas com suas necessidades materiais imediatas, como moradia, alimentação, transporte, dentre outras (VARGAS, 2011). Ademais, o estudante terá que lidar com fatores de ordem simbólica,

como o sentimento de não pertencimento a este novo ambiente, seja por sua baixa condição socioeconômica e/ou pela cor de sua pele (SANTOS, 2009).

Esses fatores de ordem material e simbólica estão mais presentes nos cursos de licenciatura, onde permanecer estudando é ainda mais desafiador, pois a maioria de seus estudantes tem baixa condição socioeconômica e são provenientes de escolas públicas (RISTOFF, 2014). Assim, buscando entender todos esses desafios apresentados, o presente estudo foi realizado em um campus de formação de professores de uma universidade pública federal instituída no Recôncavo da Bahia. Sublinha-se que parte substantiva desta região, ao longo da história, foi privada do processo educacional público, tendo sua primeira universidade federal criada apenas no início deste século.

Neste cenário, analisamos as condições para a permanência discente em cursos de licenciatura, a partir de narrativas de trajetórias acadêmicas de estudantes autodeclarados pretos e pardos, beneficiados com a assistência estudantil. Para isso, procuramos responder à seguinte questão: como universitários pretos e pardos, que integram cursos de licenciatura do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), percebem os efeitos da assistência estudantil em suas trajetórias acadêmicas? Considerando o perfil estudantil desta Instituição, onde 84,3% dos estudantes se autodeclararam negros (UFRB, 2017), faz-se necessário avaliar se a assistência estudantil implementada no Centro de Formação de Professores possibilita a promoção de uma permanência universitária de qualidade para estes estudantes.

## **Desigualdades no acesso ao ensino superior público e a importância de políticas de permanência**

A criação de novas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), como uma das diversas políticas públicas inclusivas para a educação superior implantadas nas últimas décadas, fruto de muita luta da classe trabalhadora brasileira (PERONI; ROSSI, 2019), resultou no aumento do número de cursos e de vagas, proporcionando uma mudança significativa no perfil dos estudantes das universidades públicas do Brasil (IPEA, 2021). Em virtude disto, houve um crescimento progressivo nas IFES de estudantes do sexo feminino, pretos e

pardos, indígenas, e de estudantes vindos de escolas públicas, com renda familiar mensal abaixo de um salário-mínimo e meio (FONAPRACE, 2019).

Esta expansão das IFES indica um grande avanço na história recente da educação superior brasileira, porém, a consolidação do acesso, da permanência e da qualificação desta expansão está em disputa (PERONI; ROSSI, 2019). De acordo com Salata (2018), a taxa de acesso da população em idade adequada ao ensino superior, no Brasil, ainda é pouco satisfatória em comparação a países com nível de desenvolvimento parecido. Para o autor, a questão social influencia negativamente nas chances de ingresso no ensino superior, ou seja, o sistema de educação superior do Brasil continua desigual.

Estas desigualdades se tornam evidentes quando se observa o perfil dos ingressantes em cursos de maior prestígio e alta concorrência (engenharias, direito e medicina, por exemplo), ocupados, em geral, por estudantes com maior poder econômico e vindos de escolas particulares. Por outro lado, nos cursos de licenciatura, socialmente menos valorizados e com reduzida procura, constata-se uma maioria de estudantes de baixa renda oriundos de escola pública (CARVALHO *et al.*, 2020; RISTOFF, 2014).

Essa baixa demanda para o ingresso em licenciaturas, atraindo prioritariamente estudantes provenientes de escolas públicas e com baixo poder econômico, é decorrente da desvalorização social da carreira docente, tanto em termos salariais como em relação ao prestígio. Segundo Aranha e Souza (2013, p. 79), “a maioria dentre aqueles que estão rompendo as barreiras econômicas e realizando o sonho de chegar à universidade, o fazem pela via dos cursos cujo valor do diploma é bem menor”.

Entretanto, escolher um curso apenas pela possibilidade de ingresso, e não por afinidade com a profissão, pode trazer sérias consequências, desde o abandono precoce, gerando desperdício de recursos públicos, até a não atuação na área de formação. Diferentes estudos (ARANHA; SOUZA, 2013; BEGO; FERRARI, 2018) evidenciam que grande parte dos estudantes de licenciaturas não pretendem atuar na educação básica, justificando esta opção pelo baixo status sociocultural da profissão docente e pelo baixo valor do piso salarial nacional da carreira.

Discentes com baixo poder econômico, mas que conseguem entrar em cursos mais concorridos, também enfrentam algumas dificuldades. Piotto e

Nogueira (2013), por exemplo, em pesquisa com estudantes que ingressaram por meio de programas sociais, em cursos muito concorridos em uma universidade de prestígio nacional, apontam que a principal dificuldade enfrentada por estes discentes, ao longo da graduação, foi a difícil relação com os colegas, em decorrência da distância social que existia entre eles. Segundo as autoras, essa distância provoca sofrimento nestes estudantes e pode impactar de forma negativa no rendimento acadêmico, comprometendo sua permanência na universidade.

Assim, percebe-se que, tanto em cursos de licenciatura ou em cursos de alto prestígio social, estudantes procedentes de escolas públicas e de famílias com baixo poder econômico enfrentam dificuldades no pós-ingresso à universidade. Essas dificuldades são de ordem simbólica, por não se sentirem inseridos no espaço acadêmico e como membros do grupo social dos colegas, mas, também, de ordem material, devido à falta de recursos financeiros para a manutenção de moradia, transporte, alimentação, recurso didático, dentre outros (SANTOS, 2009).

Neste sentido, a assistência ao estudante com vulnerabilidade socioeconômica, para que este possa suprir suas necessidades materiais imediatas, é fundamental para a permanência no ensino superior (GANAM; PINEZI, 2021; MATOS; FERNANDES, 2019; SALDANHA; CASTRO, 2021). Por isto, mesmo antes do próprio ingresso na universidade, a presença ou não de apoio da assistência estudantil universitária interfere na decisão do estudante de ingressar ou não na graduação. Ademais, a assistência estudantil pode proporcionar ao estudante uma participação mais ativa na vida universitária, ao reduzir sua luta pela sobrevivência material (GANAM; PINEZI, 2021).

No entanto, a assistência estudantil também pode estar focada em uma permanência simbólica e ser realizada por intermédio de ações afirmativas, como a realização de eventos com objetivos de abordar questões como o pertencimento, a representatividade e a identidade de estudantes pretos e pardos (SANTOS, 2009).

Como explica Santos (2009), a permanência na universidade se dá de duas formas: a permanência material, que está associada às condições materiais de existência na universidade, ou seja, de recursos financeiros para a

manutenção dos estudantes com moradia, transporte, alimentação, material didático, dentre outros; e a permanência simbólica, que diz respeito ao modo como o estudante é inserido no espaço acadêmico, isto é, a possibilidade que os indivíduos têm de identificar-se, ser reconhecido e de pertencer ao grupo. Permanecer simbolicamente na universidade é “fazer parte” em todos os seus âmbitos, é garantir condições de inserção no sistema de ensino, permitindo transformação individual do estudante e do seu meio social (SANTOS, 2009).

Em suma, proporcionar a assistência material e simbólica aos estudantes pretos e pardos, e também de camada popular que, enfim, conseguem ingressar no ensino superior é, sem dúvida, de extrema importância. No entanto, é necessário promover o apoio adequado, levando em consideração a diversidade de demandas apresentadas pelos próprios estudantes. Garantir o apoio de acordo com a necessidade do estudante pode, de fato, reduzir as taxas de evasão, assim como o tempo de conclusão do curso, contribuindo para a promoção da diversidade e da inclusão e, conseqüentemente, tornando a educação superior menos desigual.

## Metodologia

A fim de analisar as condições para a permanência discente em cursos de licenciatura, a partir de narrativas de trajetórias acadêmicas de estudantes autodeclarados pretos e pardos, beneficiados com a assistência estudantil, utilizou-se uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória. Assim, foram realizadas entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002) com cinco discentes de quatro cursos de licenciatura do CFP.

Para as entrevistas, convidamos estudantes que se autodeclararam pretos ou pardos, inseridos no Programa de Permanência do CFP e que estavam no último semestre do curso, para que pudessem fornecer informações relevantes sobre sua permanência no ensino superior, ao longo da graduação. Foram enviados convites, via e-mail, para todos os 49 estudantes de último semestre, beneficiados pela assistência estudantil no CFP e que se autodeclararam pretos e pardos. Destes, apenas cinco se disponibilizaram a participar das entrevistas: uma estudante do curso de Licenciatura em Educação Física; uma do curso de Licenciatura em Química; duas estudantes

do curso de Licenciatura em Pedagogia e; um pertencente ao curso de Licenciatura em Letras.

A fim de proteger a identidade dos discentes envolvidos, utilizamos nomes fictícios, como previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a eles apresentado. As entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes e, em seguida, foram transcritas. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, na Plataforma Brasil, e aprovada por esse Comitê em 26 de agosto de 2021, sob parecer de número 4.934.887.

A interpretação e a análise dos dados ocorreram segundo o método hermenêutico-dialético, segundo o qual:

[...] o ato de compreender caminha na direção de interpretar e estabelecer relações para chegar a conclusões [...] A hermenêutica – caminhando entre aquilo que é familiar e o que é estranho – busca *esclarecer as condições sob as quais surge a fala* (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009, p. 99, grifo nosso).

## **O papel da assistência estudantil em trajetórias de licenciandos autodeclarados pretos e pardos**

Nesta seção, apresentaremos as experiências acadêmicas de cinco universitários autodeclarados pretos e pardos, integrantes de um programa de permanência da UFRB. Procuramos analisar, por meio de suas trajetórias acadêmicas, as condições para a permanência estudantil na universidade e as percepções destes estudantes sobre o papel da assistência estudantil em suas trajetórias na educação superior. Para isso, buscamos, inicialmente, evidenciar suas experiências na educação básica e o caminho percorrido até o ensino superior, depois, examinamos seus primeiros contatos com uma universidade pública, com foco na representatividade. Por fim, analisamos a importância da assistência estudantil para a permanência material e simbólica no espaço acadêmico e as perspectivas futuras dos estudantes entrevistados.

### **Trajétórias estudantis até a Universidade: (des)encontros com a licenciatura**

As narrativas das trajetórias escolares dos discentes entrevistados evidenciam que eles sempre estudaram em escolas públicas, corroborando a afirmação de que os cursos de licenciatura são constituídos por estudantes, em

sua maioria, provenientes de escolas públicas (RISTOFF, 2014; CARVALHO *et al.*, 2020).

Alguns relatos dos estudantes apontam dificuldades vivenciadas desde os primeiros anos na escola até a conclusão do ensino médio. Estes obstáculos perpassam por problemas de transporte, principalmente para quem reside na zona rural, pela dificuldade no aprendizado e pela desmotivação com o ensino público. Uma das estudantes entrevistadas relata que seu ensino básico, em escolas públicas, não foi significativo:

Estudei sempre em escola pública, então, eu acho que a única dificuldade é estar numa escola pública em que, muitas vezes, as dificuldades, de uma forma geral, não são atendidas. O ensino não é aquele ensino que compreende você como um ser completo, então, é tudo muito fragmentado. O ensino médio [...] seguiu essa mesma lógica, então assim, a gente acaba estudando realmente por obrigação, pelo menos foi o que eu senti pela minha experiência. Então, eu estudei simplesmente para concluir, porque, posteriormente, eu queria ir para a universidade ou para o mercado de trabalho, de preferência o mercado de trabalho, porque quando você estuda e o estudo não te favorece tanto, você não quer permanecer naquele contexto (CAROLINA).

De acordo com Carvalho e colaboradores (2020), estudantes de escolas públicas já iniciam suas trajetórias estudantis em desvantagem, devido ao precário ensino ofertado nestas instituições, interferindo negativamente na corrida por uma vaga em universidades.

Apesar das dificuldades assinaladas pelos discentes entrevistados, estes deram continuidade aos estudos, incentivados por suas famílias:

Desde os três anos de idade, mãinha sempre falava dessa importância da gente estudar, que era a única coisa que ela poderia oferecer pra gente naquele momento (LÁZARO).

Tive ajuda dos meus pais, mas mais da minha mãe e do meu avô paterno. Era uma pessoa muito presente na questão dos estudos (MARIA).

Mãinha foi a primeira a sentar comigo desde pequena e ensinar o alfabeto, sabe? De estar acompanhando toda a minha trajetória. Então meus pais foram muito presentes sobre isso e eu tive muito apoio da família, isso contribuiu muito para que eu conseguisse caminhar (ÂNGELA).

Sem dúvida, a presença da família foi fundamental na vida acadêmica desses estudantes, diante dos muitos obstáculos enfrentados. Para Carvalho e



colaboradores (2020), a maioria das famílias busca estratégias para que seus filhos possam apenas estudar, sem a preocupação em contribuir com a renda domiciliar, evitando o abandono dos estudos e possibilitando o acesso ao ensino superior.

Superadas as dificuldades e concluído o ensino básico, é o momento de decidir que trajetória seguir. Para jovens de baixa renda, entrar na universidade não é o caminho “natural” (ZAGO, 2006), pois o comum é trabalhar para ajudar no sustento da família. Isto é o que aponta o relato de Lázaro, discente do curso de Letras, que não pôde, inicialmente, trilhar o caminho escolhido, pois as dificuldades financeiras não permitiram que continuasse estudando:

Aos 21 anos de idade eu tive a oportunidade de passar, de conseguir uma vaga na UFRB de Cruz das Almas, no curso de Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas. Só que no mesmo período eu fui chamado para trabalhar na fábrica, e aí você, 21 anos, por causa da família, você opta em trabalhar. Aí fui, trabalhei nove meses nessa fábrica, depois fui morar em Santo Antônio, trabalhando em comércio (LÁZARO).

Maria, por outro lado, nem cogitava a entrada em uma universidade:

Eu não tinha acesso a esse universo acadêmico, não tinha planos nenhum. Terminei o ensino médio, eu acho que eu fiquei uns dois anos sem fazer nada, assim, só trabalhando. Buscava trabalho, mas não pensava em continuar o estudo. É, aí minha irmã, ela entrou na faculdade em 2016, ou foi antes, não lembro, e ela falava, não, você tem que estudar porque estudar é bom, você tem muitas oportunidades, aí ela me incentivava (MARIA).

Apesar das limitações financeiras e do ensino básico precário cursado, que dificultavam o acesso à universidade pública, os relatos dos estudantes entrevistados demonstram a luta experienciada para o ingresso no ensino superior. Por exemplo, alguns estudantes relatam que, antes de ingressar na universidade pública para cursar a licenciatura, tentaram o ensino superior em universidades particulares:

Aí eu comecei nas tentativas. Primeiro eu entrei numa universidade EAD, a UNIFACS de Salvador. É, por conta da locomoção e dos problemas financeiros mesmo que a gente tem, por não ter condições de se sustentar na universidade, ainda mais fora da cidade, porque você tem que estar realizando trabalhos ali sempre, eu acabei desistindo (CAROLINA).

Eu entrei na universidade particular aqui mesmo na região, é, só que eu tinha um desejo, né? Sempre quis estudar em uma

universidade pública e presencial, a que eu fazia era semipresencial, à distância, uma vez na semana, então, eu fiquei um tempo fazendo Administração na particular (CONCEIÇÃO).

As universidades particulares, muitas vezes, se tornam a grande esperança para o acesso ao ensino superior. O ensino à distância, por exemplo, em que o estudante não precisa se deslocar para outras cidades, além de mensalidades com valores relativamente baixos, atrai estudantes que não conseguem vaga em uma instituição pública.

Entretanto, de acordo com as narrativas dos estudantes entrevistados, estes desejavam ingressar em uma universidade pública, a ponto de a escolha pelo curso ficar em segundo plano, aspecto também observado por Carvalho e colaboradores (2020). Outros fatores, como proximidade entre a residência e a universidade, e a inserção mais rápida no mundo do trabalho, tendem a orientar a escolha do curso.

Escolher a licenciatura não foi uma escolha livre, [...] principalmente pelos caminhos, foi uma escolha pelo lugar onde está localizado e financeiramente seria mais viável pra mim, que eu ia morar com meus pais, é..., fora da cidade eu ia ter que trabalhar e estudar, então assim, está em cidade grande para fazer isso não ia ser fácil, então, de todo modo, é..., eu tentei olhar todos os pontos positivos de estudar aqui na cidade e, por coincidência, ser uma licenciatura (CAROLINA).

Apesar da licenciatura não ter sido a primeira opção, os estudantes relatam que se identificaram com os cursos:

[...] de certa forma, eu fui escolhido pela licenciatura, certo, não foi de cara assim, aí, eu vou ser professor de Língua Portuguesa. Não, não foi, mas eu vou te dizer que eu me encontrei dentro do curso enquanto um docente (LÁZARO).

Eu comecei a gostar, né, da licenciatura. Hoje eu tenho um carinho, assim, né, digamos que ainda não sei se quero ser realmente professora, mas eu já tenho um outro olhar, já me adapto mais a esta questão da licenciatura. Eu aprendi a gostar da área de ensino (CONCEIÇÃO).

Assim como Conceição não sabe se quer mesmo ser professora, há chance de outros estudantes não exercerem a docência, desviando-se para diferentes profissões. Como apontam os estudos de Bego e Ferrari (2018), grande parte dos estudantes de licenciatura encontra-se desestimulada para atuar na educação básica, devido ao baixo status sociocultural e reduzido valor

do piso salarial nacional da categoria. Contudo, antes da preocupação com a atuação profissional futura, as instituições de ensino superior precisam considerar que existem fatores de natureza simbólica que podem contribuir para a desistência do curso antes de sua integralização, como o pertencimento e a representatividade no ambiente acadêmico (SANTOS, 2009).

### **O primeiro contato com uma universidade pública: a representatividade**

Ao chegar na universidade, os estudantes entrevistados relataram que se depararam com uma realidade até então desconhecida para eles. Carolina narra o susto que teve ao atravessar os muros da universidade pela primeira vez:

Minha chegada na universidade foi um pouco assustadora, porque de fato é um outro lugar, uma outra experiência. Chegar na universidade e encontrar aquelas paredes todas pintadas, aquilo pra mim foi um susto (CAROLINA).

Maria, por sua vez, estabelece comparações entre a universidade e o ensino médio, e relata como as diferenças encontradas dificultaram a sua adaptação:

No início é algo totalmente diferente, né, do ensino médio. Você entrar no universo acadêmico, é um mundo paralelo totalmente diferente, a gente fica esperando um sino, fica esperando várias coisas que tinha na escola e é totalmente diferente (MARIA).

Nota-se, nos relatos de Carolina e Maria, que os estudantes chegam ao ensino superior sem a percepção do que é a Universidade. Talvez, se a educação básica e/ou a educação superior realizassem atividades de transição para o ensino superior, o momento de chegada à Universidade fosse menos traumático, podendo, inclusive, contribuir para aumentar o desejo de permanência nesta instituição.

Ao narrarem o momento do primeiro contato com o ambiente universitário, os estudantes fazem referência a elementos associados à permanência simbólica, como a representatividade e a identificação. Conceição, por exemplo, relata que se surpreendeu com a quantidade de alunos negros nos corredores do CFP. Percebe-se, em sua fala, a satisfação de ter encontrado um ambiente familiar, com o qual se identificava:

Eu fiquei até surpresa, porque a quantidade de negros que tem no CFP é muito grande. Eu me senti bem representada, mais por parte dos alunos. Acho que no curso de Química é mais por conta dos alunos, muita gente negra, então, eu não tive dificuldade não, me senti bem apresentada, as pessoas são muito acolhedoras (CONCEIÇÃO).

Carolina também expõe sua identificação com as pessoas que encontrou no CFP e comenta sobre a contribuição do ambiente para a permanência na universidade:

[...] encontrei muitas pessoas negras, encontrei muitas pessoas que dialogavam com a minha realidade, estavam mais próximas a mim do que em outras experiências que já tive. Então, ali, para cada canto que eu olhava, eu enxergava pessoas que estavam, é, não é padrão, mas dentro daquilo que eu me sentia confortável de estar, sabe? Eu tive identificação, que eu me identificava, é, com as pessoas, fui muito bem acolhida por todo mundo, [...] então, tudo isso foi muito significativo de cara e isso ajuda a gente a permanecer na universidade, a gente perceber que não está sozinho e se percebe que todo mundo ali, é, passa, muitas vezes, pelas mesmas experiências dentro da universidade, e então, nesse sentido, eu me senti representada, é, me senti bem (CAROLINA).

No relato de Lázaro, é possível perceber o orgulho que ele tem em se assumir negro e valorizar as suas características físicas, encontrando na universidade um espaço de representatividade:

Eu nunca tive dificuldade, assim, de me reconhecer enquanto negro e me adaptar nos espaços, é, por conta da minha raça, da minha cor. Eu sei que quem é mais retinto sofre muito mais, mas é a partir do convívio e a partir da autodeclaração que eu pude também me assumir um pouco, o cabelo, entender o quanto é importante você se assumir negro, é..., deixar o cabelo black mesmo, se você quiser, é..., colocar tranças e se reconhecer diante das suas características, né, o nariz, a boca, essas coisas. Então, assim, a maioria das minhas colegas são negras também, já vinham com esse discurso né, da importância da representatividade. Isso é muito bacana quando você se reconhece, quando você tem pessoas que também lutam a sua luta, um pouco redundante, mas sim (LÁZARO).

Assim, percebe-se quanto é importante os aspectos simbólicos para a permanência no ensino superior (SANTOS, 2009). A representatividade e o sentimento de pertencimento, como foi relatado, contribuem para a permanência na universidade, um espaço que, ao longo da história do Brasil,

foi ocupado por pessoas brancas e elitizadas, e que hoje expressa a diversidade humana em seus corredores.

A representatividade tem grande importância, não somente na universidade, mas em todos os espaços da sociedade. A representatividade e o sentimento de pertencimento se constituem como importantes ferramentas para a permanência universitária, uma permanência simbólica. Contudo, a permanência material, por meio de auxílios pecuniários, se faz igualmente importante.

### **A importância da bolsa: “sem ela não permaneceria na universidade”**

Ao analisar os discursos dos estudantes entrevistados, percebemos que o apoio da assistência estudantil foi fundamental para que estes pudessem permanecer e, sobretudo, concluir o curso, pois suas famílias não tinham condições financeiras para contribuir, por muito tempo, com as suas despesas:

Minha mãe e, no caso, meu padrasto, recebem ali um único salário-mínimo, então, tem a casa para sustentar, têm as contas para pagar, então, eu não sei se eles conseguiriam, [...] então, provavelmente, eu não estaria na universidade, sinceramente (CAROLINA).

Estas despesas são ainda maiores para estudantes que moram em outras cidades ou na zona rural, visto que, além da alimentação, necessitam pagar o transporte ou o aluguel para moradia. Portanto, para estes estudantes, sem a assistência estudantil, muito possivelmente não dariam continuidade aos estudos universitários:

[...] eu acho que se não conseguisse a PROPAAE, eu não sei se eu estaria lá até hoje” (CONCEIÇÃO).

[...] fundamental, né? Porque sem o apoio eu não sei se eu teria continuado a graduação não, então assim, foi extremamente fundamental (MARIA).

Sem esse dinheiro, certamente, eu não estaria aqui, assim como muitos outros estudantes que não conseguiram a bolsa, certamente, voltaram para as suas cidades e abandonaram o curso (LÁZARO).

Os estudantes com vulnerabilidade socioeconômica não conseguem o auxílio pecuniário de imediato ao ingressarem na universidade, isto porque o processo seletivo para inserção de estudantes no Programa de Permanência

perdura entre dois e três meses, devido aos processos burocráticos existentes. Portanto, o discente terá que se manter financeiramente durante este período e, aqueles que não conseguem aprovação logo no primeiro semestre letivo, precisarão concorrer novamente nos próximos semestres para que possam continuar estudando.

Apenas uma das estudantes entrevistadas relata ter conseguido o auxílio pecuniário da universidade no primeiro semestre, e expõem o alívio que sentiu ao saber que seria contemplada. Segundo a discente, a renda de sua família era incerta e, se não fosse contemplada logo no início do curso, teria desistido:

Consegui no primeiro semestre. Então, aquilo ali foi o meu alívio de dizer assim, poxa, agora sim eu posso continuar! Eu pensei que eu não ia conseguir... Meu pai trabalhava e tal, mas era muito, muito mais difícil, porque você depender da agricultura é dessa forma, como você tem, também tem mês que você não tem, pois você depende da plantação, sabe? (ÂNGELA).

Por outro lado, Conceição, que relata ter conseguido o apoio da assistência estudantil apenas no terceiro semestre, passou por momentos difíceis em decorrência das dificuldades financeiras:

Teve um período, acho que foram os dois primeiros semestres, que eu não era bolsista da PROPAAE ainda, não tinha auxílio. Eu tentei a primeira vez e não consegui, então, foi o período mais difícil porque eu pagava aluguel e alimentação, é, internet, essas coisas, né, que a gente tem que ter, quando a gente sai da nossa casa e vai morar em outra cidade. Então, antes da PROPAAE foi um período muito difícil de adaptação financeira. A minha irmã que trabalhava na época, e então ela ajudava bastante nas contas e também com o benefício da minha mãe, do Bolsa Família, que era a única renda que a gente tinha era essa (CONCEIÇÃO).

Ao longo das narrativas, os estudantes entrevistados demonstraram empatia com os colegas mais necessitados e senso de coletividade. Lázaro e Carolina, por exemplo, relataram que optaram por participar da seleção para o apoio da assistência estudantil somente após alguns semestres no curso, quando não tinham mais outra alternativa para a sua manutenção no espaço acadêmico:

Enquanto eu estava recebendo o seguro-desemprego, eu falei, não vou pedir não, porque estou recebendo o seguro, não é justo com quem não tem nenhum tipo de renda, e aí, eu

aguardei terminar o seguro-desemprego, e aí, só depois eu solicitei o auxílio (LÁZARO).

Eu consegui a bolsa no terceiro para quarto semestre, porque na época eu estava trabalhando, é..., dois dias na semana no período da tarde. Então assim, a minha renda era de R\$ 200 reais, então, teve seleção antes, só que eu não participei porque eu achava que ganhar 200 reais, é..., já seria muito para mim, enquanto tinha gente que não estava ganhando nada, então, eu optei por não participar das seleções anteriores (CAROLINA).

Chama a atenção, nos relatos desses estudantes, o senso de justiça e solidariedade com os colegas. Em se tratando do perfil socioeconômico dos estudantes das licenciaturas, a demanda pela assistência estudantil é sempre maior que a oferta, mas, o ideal seria que todos que necessitam do auxílio pudessem ser contemplados. No entanto, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)<sup>1</sup>, principal norteador da política de assistência estudantil no Brasil e que tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos estudantes na educação superior, é “recortado por critérios de elegibilidade que tornam a política seletiva e focalizada” (RÊGO; BENEVIDES, 2019, p. 157).

Sem dúvida, a assistência estudantil tem grande importância para os estudantes na graduação, e estes fazem uso da bolsa recebida de diferentes maneiras, nem sempre associadas ao tipo de auxílio recebido:

[...] a PROPAAE, ela teve esse papel mesmo de me fazer permanecer na universidade, porque eu pago aluguel, pago água, eu pago luz é com esse dinheiro [...] (CONCEIÇÃO).

O auxílio transporte, né, quando a gente recebe o auxílio transporte é uma segurança, [...] que às vezes aquele dinheiro não é só para pagar o transporte, a gente acaba usando em outras coisas, fazendo outras coisas também (MARIA).

Como o auxílio recebido é utilizado para diferentes fins, nem sempre é suficiente para custear todas as necessidades dos estudantes, obrigando-os a complementar a renda:

[...] por mais que tenha esse auxílio, a gente precisa também fazer uns corre para poder, digamos, que aumentar um pouquinho, né? Porque assim, como minha realidade, o meu aluguel é 350 reais, eu recebo um auxílio de 330, [valores

---

<sup>1</sup> O Programa Nacional de Assistência Estudantil foi instituído pelo Ministério da Educação por meio do Decreto nº 7.234 de 2010. O PNAES representou a consolidação de uma luta histórica dos dirigentes, docentes e estudantes, no que diz respeito à garantia da assistência estudantil como um direito social (VASCONCELOS, 2010).

referentes ao mês de outubro de 2021], então, querendo ou não, eu fico com um saldo devedor aí, porque aí vem a água, luz, uma alimentação. Então assim, querendo ou não, a gente precisa correr atrás do valor que nos é restante, que fica faltando. Mas com o valor que a gente recebe já é algo muito positivo e já ajuda muito, muito! (LÁZARO).

Questões como esta, apontada por Lázaro, revelam que a permanência estudantil precisa ser discutida não apenas entre os membros da Instituição, mas também pelos mais interessados, os estudantes. Ouvir os discentes pode ser uma estratégia legítima para uma melhor adequação dos auxílios às suas realidades.

Contudo, os estudantes entrevistados relatam que nunca foram convidados pela instituição para discutir sobre a permanência na universidade. Lázaro, por exemplo, se mostrou surpreso com o e-mail recebido, convidando-o para participar desta pesquisa, pois, segundo ele, desde que entrou na universidade, nunca conversou sobre permanência com ninguém da instituição:

“[...] eu fiquei surpreso quando eu recebi seu e-mail, é que é uma das cláusulas que a gente lê na hora do contrato, né, de que a gente tem que estar disponível para quando a UFRB solicitar para cursos, reuniões e nunca houve, nunca houve essa chamada (LÁZARO).

Apesar dos estudantes relatarem que a universidade discutiu a assistência estudantil em eventos esporádicos, isto não foi suficiente para promover uma permanência qualificada, com o apoio adequado, já que, muitas vezes, esse suporte precisa ir além do auxílio financeiro recebido.

### **A assistência estudantil além dos auxílios financeiros**

A manutenção financeira na universidade é a primeira preocupação do estudante de camada popular que consegue ingressar em um curso de graduação. Conseguir suprir suas necessidades básicas, como alimentação, moradia e transporte, é fundamental para a sua permanência no espaço acadêmico (GANAM; PINEZI, 2021; SALDANHA; CASTRO, 2021). No entanto, estas não são as únicas dificuldades enfrentadas por estes jovens, pois a permanência na universidade não está relacionada apenas à questão financeira, mas também a elementos simbólicos (MATTOS; FERNANDES, 2019; SANTOS, 2009).



Podemos constatar, nos relatos dos estudantes entrevistados, que, além do auxílio pecuniário disponibilizado pela instituição, outras ações também contribuíram para que a sua permanência na universidade fosse viabilizada. Citamos, como exemplo, o apoio psicológico mencionado nas narrativas da maioria dos estudantes entrevistados. Uma das estudantes relata sobre as “demandas excessivas” de estudos impostas pela universidade e, segundo ela, o apoio psicológico foi muito importante neste momento:

[...] a gente percebe que a carga que é colocada em cima da gente não é pouco, então assim, o psicológico começa a ficar abalado (CAROLINA).

Outra estudante referiu que o auxílio psicológico disponibilizado pela universidade foi fundamental durante uma crise de ansiedade que estava atrapalhando seus estudos e sua qualidade de vida:

Foi demais, foi fundamental, é..., eu estava com uma ansiedade que ela já estava bem avançada, assim, eu não sabia na verdade o que era, né? Fui na internet, li que os sintomas que eu estava batia com ansiedade e aí, quando comecei a ter as consultas com a psicóloga, realmente, era ansiedade. Você acha que é uma coisinha ali leve, quando você vê, vai tomando uma dimensão enorme e assim, eu acho que se não tivesse tido a consulta com a psicóloga eu hoje estaria..., ainda estou com ansiedade, estou, mas hoje já consigo lidar melhor com ela, então, se eu não tivesse o auxílio que eu tive, poderia estar pior (MARIA).

Ângela também relata que o apoio psicológico durante o sétimo semestre do curso foi importante para a sua trajetória na universidade, inferindo que, se tivesse esse atendimento no início da graduação, seu percurso acadêmico teria sido mais tranquilo:

[...] quando eu tive esse acompanhamento psicológico, foi muito bom, foi excelente pro meu desenvolvimento, sabe, intelectual, meu desenvolvimento pessoal, de dar aquele empurrão do que está na minha frente, aquela coragem, sabe? (ÂNGELA).

De acordo com os relatos, a ansiedade vivenciada na universidade pode ser explicada devido às demandas impostas pela instituição. No entanto, essas dificuldades, até certo ponto, podem ter sido também de ordem pedagógica, tendo em vista que estas estudantes podem não ter tido um ensino básico de qualidade, repercutindo, de certa forma, no seu rendimento acadêmico no ensino superior.

## Perspectivas futuras: “quero continuar estudando”

Ao relatarem sobre o que pensam em fazer após concluírem a graduação, os licenciandos são unânimes em afirmar que têm interesse em continuar estudando. Eles pretendem prosseguir se qualificando e acessando maiores níveis de conhecimento:

Eu quero seguir, que é fazer a pós-graduação, entrar na parte de saúde coletiva, tentar o mestrado (ÂNGELA).

Eu quero fazer um mestrado, né, porque, como eu falei, eu não sei se eu quero ir pra sala de aula (CONCEIÇÃO).

Carolina pretende ser pesquisadora da educação, porém, demonstra suas inquietações com a possibilidade de “ter que ir para a sala de aula”:

Aquilo que eu quero, terminando a graduação é já iniciar um projeto aí de mestrado, encarar o mestrado, encarar o doutorado aí, realmente, porque pelo menos, é, agora no básico, né? Bem, entre aspas, o meu curso me dá uma única direção que é a escola, né? É, e sobretudo a educação infantil, ensino fundamental, são áreas que eu não me identifico, são áreas que eu não pretendo seguir. Então, assim, pro meu futuro, utopicamente falando, é o mestrado e o doutorado. Eu quero ser pesquisadora da educação e a realidade, assim, eu não sei muito, eu acho que a realidade é encarar aquilo que eu não me identifico que é a sala de aula, é o que está próximo de mim, querendo ou não, e também no mercado de trabalho mesmo, trabalho em geral (CAROLINA).

Para alguns discentes, o desejo de continuar estudando se configura como uma espécie de fuga para não exercer a docência, pelo menos de imediato, visto que afirmam não se identificar com a carreira docente. A licenciatura não era a primeira opção no momento de escolha do curso de graduação, no entanto, estudos revelam que, além disso, outros fatores são fundamentais para que a sala de aula não seja atrativa para os licenciandos, como a baixa valorização da carreira docente, o excesso de atribuições e os baixos salários (ARANHA; SOUZA, 2013).

## Considerações finais

O objetivo principal da presente pesquisa foi analisar as condições para a permanência, em cursos de licenciatura, de discentes autodeclarados pretos e pardos, integrantes de um programa de permanência estudantil de uma universidade pública federal do Recôncavo da Bahia. Para isso, realizamos

entrevistas narrativas com o intuito de compreender as trajetórias acadêmicas destes estudantes, do ensino básico ao ingresso no ensino superior, os desafios para permanecer na universidade e suas perspectivas futuras após conclusão do curso.

Ao analisar suas trajetórias escolares, percebemos que todos os discentes entrevistados eram provenientes de escolas públicas e a maioria relatou dificuldades durante o percurso escolar. Destaca-se a desmotivação associada ao ensino básico público cursado, considerado um ensino fragmentado, que não contempla o ser humano em sua totalidade, em que se estuda apenas pela obrigação de conclusão.

Para a maioria dos entrevistados, a licenciatura não era a primeira opção no momento de escolha do curso de graduação. Eles optaram pelo caminho mais viável, ou único caminho possível. Obstáculos, como a distância do núcleo familiar e o custo de vida fora da sua região, e condições facilitadoras, como o acesso mais fácil à universidade e o suposto retorno financeiro mais célere, foram citados como critérios para a escolha do curso de formação de professores.

Além da licenciatura não ter sido a primeira opção dos estudantes, ingressar no magistério da educação básica também não era o desejo da maioria entrevistada, que pretende continuar estudando após a conclusão da graduação para ingressar em programas de mestrado e doutorado.

Os resultados deste estudo evidenciam que a assistência estudantil é indispensável para a permanência na universidade e a continuidade dos estudos. Por outro lado, constatou-se que a instituição não discute a permanência com os discentes, o que pode resultar na distribuição de auxílios inadequados, dificultando a permanência destes e podendo afetar sua vivência no ambiente acadêmico ou contribuindo até mesmo para a evasão.

O apoio da assistência estudantil, por meio de auxílios pecuniários, contribui para suprir as necessidades básicas do estudante, como alimentação, transporte e moradia, favorecendo a Permanência Material (SANTOS, 2009). Embora imprescindível, os estudantes relataram dificuldades enfrentadas para conseguir ingressar no programa de permanência da universidade, entre elas, a falta de informação sobre o processo para concorrer ao auxílio e o número reduzido de bolsas, inferior à demanda.

Além dos auxílios pecuniários, a Permanência Simbólica, por intermédio de atendimentos psicológico e pedagógico, foram indispensáveis para que os estudantes pudessem permanecer com qualidade no ambiente universitário. O suporte psicológico, por exemplo, foi fundamental para os discentes acometidos por crises de ansiedade, em razão da sobrecarga de estudos.

A identificação e a representatividade, como citados pelos discentes, também foram fatores determinantes na promoção da permanência com qualidade no ensino superior. Os participantes evidenciaram que, ao chegar na universidade, se identificaram com as pessoas e com o ambiente universitário, pois se sentiram representados, já que a maioria dos estudantes, assim como os discentes entrevistados, eram negros.

Esse estudo contribui para o campo de investigação sobre as ações afirmativas no âmbito da educação superior na medida em que amplia a compreensão sobre a importância de expansão do acesso e permanência de segmentos que estiveram historicamente excluídos dos bancos universitários. Em termos específicos, evidencia a necessidade de as políticas afirmativas serem construídas e negociadas, continuamente, com este público, para que sejam adaptadas às reais demandas dos sujeitos educandos.

Mesmo que a gestão democrática como princípio orientador da educação pública tenha sido incorporada à Constituição Federal de 1988, referendada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e uma das metas do Plano Nacional de Educação a ser alcançada até 2016, sua concretização por formuladores e implementadores de políticas ainda representa um grande desafio (VIEIRA; VIDAL, 2019).

A gestão universitária precisa ser democrática, entendida como a comunhão de ações cooperativas “[...] para a identificação de possibilidades que legitimem o direito cidadão do ingresso, da permanência, da formação e da transição ao mercado de trabalho, reconhecendo-se as identidades e diferenças das minorias político-sociais” (LIMA; CABRAL, 2020, p. 1106).

Ademais, as análises aqui realizadas podem informar servidores técnico-administrativos e professores do magistério superior sobre o perfil dos discentes, especialmente de cursos de licenciatura, que, hoje, adentram as nossas universidades.

## Referências

- ARANHA, Antônia Vitória Soares; SOUZA, João Valdir Alves de. As licenciaturas na atualidade: nova crise? *Educar em Revista*, Curitiba, n. 50, p. 69-86, dez. 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602013000400006&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602013000400006&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 5 set. 2020.
- BEGO, Amadeu Moura; FERRARI, Tarso Bortolucci. Por que escolhi fazer um curso de licenciatura? Perfil e motivação dos ingressantes da UNESP. *Química Nova*, v. 41, n. 4, p. 457- 467, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/NCDmC4dPjXwBvr6FfBJFVcs/?lang=pt#:~:text=Em%20que%20pese%20o%20fato,geral%2C%20sabendo%20a%20diferen%C3%A7a%20entre>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de *et al.* Estudantes de Licenciatura: trajetórias escolares e escolha da profissão. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 26, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/31790>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- FONAPRACE. *V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais*. Brasília: FONAPRACE, 2019. Disponível em: <http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/index.php/2019/06/21/pesquisa-traca-perfil-de-alunos-das-universidades-federais/>. Acesso em: 8 jul. 2020.
- GANAM, Eliana Almeida Soares; PINEZI, Ana Keila Mosca. Desafios da permanência estudantil universitária: um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. *Educação em Revista*, v. 37, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LXtF95VpbYyzkJTJtkxLrsw/>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Texto para discussão: expansão da educação superior e progressividade do investimento público*. Brasília: Ipea, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10500/1/td\\_2631.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10500/1/td_2631.pdf). Acesso em: 5 jul. 2023.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.
- LIMA, André Henrique de; CABRAL, Leonardo Santos Amâncio. Gestão democrática na educação superior para a diferenciação e acessibilidade curricular. *Revista on-line de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 24, n. esp. 2, p. 1104-1117, set. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6377/637766276011/637766276011.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2023.

MATTOS, Hellen Cristina Xavier da Silva; FERNANDES, Maria Cristina da Silveira Galan. Estudantes universitários: estratégias e procedimentos para a permanência. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 14, n. 29, p. 156-174, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/20361>. Acesso em: 17 jul. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PERONI, Vera Maria Vidal; ROSSI, Alexandre José. O direito à educação em suspensão: implicações da relação público-privada para a democratização da Educação Básica. *Revista Contrapontos*, v. 19, n. 2, p. 2-9, jan./dez. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-71142019000200002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-71142019000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 6 jul. 2023.

PIOTTO, Débora Cristina; NOGUEIRA, Maria Alice. Inclusão vista por dentro: a experiência via Includsp. *Educação*, v. 36, n. 3, p. 373-384, set./dez. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/15537>. Acesso em: 28 jul. 2021.

RÊGO, Ernny Coêlho; BENEVIDES, Marinina Gruska. A assistência estudantil e a redução das desigualdades sociais no contexto de fragilização das políticas sociais. *Inter-Ação, Goiânia*, v. 44, n. 1, p. 151-163, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v44i1.55626>. Acesso em: 8 nov. 2020.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. *Avaliação, Campinas*, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/2058>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SALATA, André. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso? *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 30, n. 2, p. 219-253, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/WJjnYYS6fDhpDqMFVzqbP7L/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 6 jul. 2023.

SALDANHA, Luciléia Bechmann; CASTRO, Sabrina Fernandes de. As políticas de assistência estudantil em uma Universidade Federal Brasileira: análise das políticas previstas no PNAES. *Revista Ciranda*, v. 5, n. 3, p. 336-352, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/4558>. Acesso em: 12 set. 2021.

SANTOS, Dyane Brito Reis. *Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa*. 2009. 214f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). Perfil dos estudantes de graduação da UFRB. Cruz das Almas, 2017. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemoramajoria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>. Acesso em: 5 jul. 2023.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. *Avaliação*, Campinas, v. 16, n. 1, p. 149-163, mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/KWLLpWwDMHgWzBqvtNTHYcC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2020.

VASCONCELOS, Natália. Programa nacional de assistência estudantil: uma análise da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 399-411, 2010. Disponível em: <http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica/artigosv2n3/29-Pos-Graduacao.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2023.

VIEIRA, Sofia Lerche; VIDAL, Eloísa Maia. Liderança e gestão democrática na educação pública brasileira. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 13, n. 1, p. 11-25, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ree/v13n1/1982-7199-ree-13-01-11.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2023.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 226- 370, ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Recebido em: 29/03/2023


Aceito em: 22/07/2023

### **Virgilio Rodrigues dos Santos**

Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade pela UFBA. Técnico Administrativo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do CFP. Técnico do grupo de pesquisa Corpos, Vozes e Ciências (CorVoS).



 [virgiliosantos120@gmail.com](mailto:virgiliosantos120@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/6396022065371211>

 <http://orcid.org/0000-0001-7480-0455>




### **Gabriel Ribeiro**

Doutor em Ciências da Educação pela UMinho. Docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do CCAAB. Vice-líder do grupo de pesquisa Corpos, Vozes e Ciências (CorVoS).

 [fta\\_gabrielribeiro@ufrb.edu.br](mailto:fta_gabrielribeiro@ufrb.edu.br)  
 <http://lattes.cnpq.br/2613294413777754>  
 <http://orcid.org/0000-0002-7150-9520>

### **Patrícia Petitinga Silva**

Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA/UEFS. Docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do CCAAB. Líder do grupo de pesquisa *Corpos, Vozes e Ciências (CorVoS)*.

 [patpetitinga@ufrb.edu.br](mailto:patpetitinga@ufrb.edu.br)  
 <http://lattes.cnpq.br/8993755581976011>  
 <http://orcid.org/0000-0002-7724-5458>